

MODELOS DE CONSTRUÇÃO DO ROMANCE AFRICANO EM *NYEMBÊTE OU AS CORES DA LÁGRIMA*

Sara Jona Laisse

Resumo: Este estudo baseia-se na proposta de Calane da Silva, enquanto ensaísta, sobre a escrita do novo romance africano para o século XXI, que a meu ver, carece ainda de debate, mas que já pode ser analisado a partir da proposta do próprio autor, no seu romance *Nyembête ou as cores da lágrima*. Demonstro, com esta pesquisa, as características que nos permitem aceitar a obra enquanto romance de formação, designação que peço emprestado a Puga (2016). Defendo que é uma narrativa com elementos neo-românticos, a saber a polifonia e a morte com possibilidade de retorno, encontráveis, factualmente, nas Cultura Tradicional Banto e na Tradição Católica Apostólica e considero ainda a sua perspectiva de romance autoficcional (Faedrich (2015), portador de marcas biográficas do seu autor. Ao desenvolver esta pesquisa, faço-o na ciência de se tratar de uma concepção de escrita diferente da que é habitual encontrar em Calane da Silva – prosador e contista (porque também era poeta). Acrescente-se ainda que neste artigo observo que o autor faz uma abordagem da espiritualidade, centrada nos seus estudos sobre Antropologia espiritual.

Palavras-chave: Romance de formação. Neo-romantismo. Autoficção.

Abstract: This study is based on Calane da Silva's proposal, as an essayist, on the writing of the new African novel for the 21st century, which in my view still needs debate, but which can already be analyzed from the author's own proposal, in his novel *Nyembête ou as cores da lágrima*. I demonstrate, with this research, the characteristics that allow us to accept the work as a formation novel, a designation that I borrow from Puga (2016). I argue that it is a narrative with neo-romantic elements, namely polyphony and death with the possibility of return, factually found in the Traditional Bantu Culture and in the Apostolic Catholic Tradition, and I also consider its perspective of a self-fictional novel (Faedrich, 2015), bearer of biographical marks of its author. In developing this research, I do so in the knowledge that it is a different conception of writing than what is usual to find in Calane da Silva – prose writer and short story writer (because he was also a poet). Added

to this, in this article I observe that the author takes an approach to spirituality, centered on his studies on Spiritual Anthropology.

Keywords: Formation novel, Neo-romanticism, Self-fiction.

Marrabenta(r)¹

*“Marrabentamos nosso passo de magia
de festa e paixão, de ritmo e loucura
marrabentamos na sura da nossa fantasia
rodopiantes corp1os de riso e ternura.*

*Marrabentamos à sombra dos cajueiros
ou nas mafurreiras no xipefo das chamas
dançamos dores e cansaços dias inteiros
libertados da miséria, queixumes e dramas.*

*Marrabentamos tudo no lume do sentir
a alma nos pés calcando o incerto devir
presente total nos gritos eufóricos de agora.*

*Marrabenta meu povo teu furor de ancas
faúlha [faiscando] a alienação que espantas
dança dos sentidos esperando a aurora”.*
Calane da Silva

Introdução

O presente texto contém algumas alterações e actualizações de um outro publicado sob o título “Nyembête ou as cores da lágrima, um romance de formação à guisa de novos modelos de construção do Romance Africano”, que consta do livro *Menino da Malanga: justa homenagem a Calane da Silva*, editado para celebrar a vida e a obra do

1 In: *Lírica do imponderável e outros poemas do Ser e do Estar*. Maputo: Imprensa Universitária, p. 126, 2004.

visado. Estão nesse livro depoimentos, artigos científicos e poesia dedicada ao autor.

O intuito da revisão daquele trabalho prende-se com a necessidade de partilhar, com mais académicos, reflexões em torno do romance africano, num contexto específico, o das revistas científicas, que têm uma maior circulação que os livros. Além disso, voltar a publicar o texto, responde à repetida questão, na academia, sobre que novos ou outros modelos tem estado a tomar o romance escrito em África².

Para responder a essa questão foi conveniente destacar três características fundamentais da produção de Calane da Silva, nomeadamente: a sua preocupação com a escrita do romance africano, assente no modo de contar nesta parte do mundo, no qual seres animados e seres inanimados narram a sua própria história, dentro de uma mesma macro-história, narradores que partilham a tarefa de contar a história paralelamente com os personagens da obra, falando sobre os contextos sócio-culturais das sociedades narradas. Ademais, essa abordagem da história é entrelaçada com poesia cantada, que marca a intervenção de personagens ou o diálogo entre eles: pessoas com pessoas e pessoas com coisas.

2 Um aprofundamento sobre o rumo do romance africano, também pode ser lido em Mendonça (2018) que citando Chinua Achebe, refere estar a tomar outras tendências, por integrar aspectos das culturas africanas. (MENDONÇA, Fátima. Espaços de violência na narrativa moçambicana contemporânea. UFRJ: *Mulemba*, v. 10, n. 18, 2018). Como será possível constatar, a obra em análise, nesta pesquisa é carregada de referências culturais.

Há ainda a assinalar a preocupação do escritor Calane da Silva por assuntos ligados à condição humana, o que o levou a escrever um romance de formação. A língua, mais precisamente a utilização de léxico de origem ronga e de neologismos, num texto escrito em português, revelam ainda o seu desejo, desde o início da sua carreira literária, em fazer constar, na escrita da literatura, referências culturais moçambicanas. Há, por fim, que dar ênfase à espiritualidade, aspecto que marca uma ruptura na forma de escrever de Calane da Silva, que tendo reminiscências em *Lírica do Imponderável e outros Poemas do Ser e do Estar* (2004), culmina com ênfase em *Kulimando Saberes: viagens discursivas pela pedagogia, Comunicação, Antropologia Cultural, Filosofia, Espiritualidade, Língua e Literatura* (2013) e ainda *Antropologia Espiritual-Há mais vida para além desta vida* (2015).

O autor

Raul Alves Calane da Silva, conhecido por Calane da Silva, nasceu em Maputo. É filho de mãe moçambicana-ronga e de pai português. Entre 1965 e 1966 fez parte do Exército português e depois desse treino, foi colocado como escriturário. Começou a escrita literária, por volta de 1968 e, nessa altura, já mostrava, tal como vem referido

em Chabal (1994, p. 223), referências de elementos culturais moçambicanos.

Exerceu a profissão de jornalista durante mais do que vinte anos e foi um dos primeiros jornalistas negros³ a trabalhar para o jornal O Brado Africano, na Voz de Moçambique, no jornal Notícias, na Revista Tempo, no jornal Domingo, entre outros semanários e diários.

Graduou-se em Ensino de Português, tem uma pós-graduação em Ensino da Língua Portuguesa Estrangeira, fez o mestrado em Linguística do Português e um doutoramento em Lexicografia, na área linguístico-literária. Foi docente da cadeira de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e de Didáctica de Literaturas na Universidade Pedagógica, entre outras disciplinas. Foi também docente na Escola de Jornalismo, em Maputo.

Foi membro fundador de diferentes agremiações, nomeadamente: Organização Nacional de Jornalistas, actual Sindicato Nacional de Jornalistas; Associação dos Escritores dos Moçambicanos, Associação Moçambicana de Língua Portuguesa; Instituto Internacional de Língua Portuguesa,

3 Esta não é das referências que me aprez utilizar. Vem referida numa das badanas da obra em análise. E é marca de um tempo com essas características, a da menção da tez das pessoas. Para mim se tivesse que me referir às diferentes tonalidades da cor da pele da Raça Humana, utilizaria três designações: mestiços, pretos e brancos. Não entendo a razão de se associar a pele mestiça à negra, uma vez não se tratar do mesmo tom. A diferença é, para mim, uma riqueza. Mas isso é assunto para um outro fórum.

um órgão da Comunidade de Países da Língua Portuguesa e membro do Comitê de honra da Fundação Fernando Leite Couto e foi um dos membros fundadores do Centro Espírita de Moçambique.

O seu trabalho de dinamização literária é vasto, marcado pela sua qualidade de declamador e pela sua integração, nos primeiros anos da independência de Moçambique, junto com Gulamo Khan e outras pessoas, na criação de eventos de declamação de poesia em fábricas e em bairros suburbanos da cidade de Maputo. Nas suas palavras⁴, o contributo de José Perez, que era da Rádio, foi importante, porque ele gravava esse trabalho e o punha no ar. Na disciplina de teatro, Calane da Silva, colaborou com performances em aldeias comunais, de onde, em entrevista ao Letra Viva, se recordou de ter apresentado peças teatrais, nas quais, a audiência, também acabava interferindo na performance, como artistas; o que é, segundo ele, típico nas culturas africanas.

Recebeu o Prémio Literário “10 de Novembro”, organizado pelo Conselho Municipal da Cidade de Maputo, em coordenação com a AEMO, Associação de Escritores Moçambicanos, pela sua obra *Gotas de Sol: a manifestação da palavra*, no ano de 2005. Em 2010 venceu o prémio

4 A quando da entrevista no programa televisivo “Letra Viva”.

Nacional de Literatura José Craveirinha, pela sua carreira literária. Este prémio era antes atribuído a escritores moçambicanos pela autoria de uma obra literária. A partir de 2010, o prémio passou a ser relativo ao conjunto da obra do vencedor.

A publicação dos seus escritos encontra-se dispersa em jornais e revistas nacionais e estrangeiras e inclui, desde textos jornalísticos, a textos de ficção, poesia e investigação académica. Fez crítica nas páginas literárias da “Gazeta de Artes e Letras” da *Revista Tempo*, sobretudo nas áreas de Literatura, Cinema e Teatro.

Destaco, desse trabalho, as obras de poesia: *Dos Meninos da Malanga* (1981); *Lírica do Imponderável e Outros Poemas do Ser e do Estar* (2004); *Gotas de Sol: a manifestação da palavra* (2006); *Pomar e Machamba ou Palavras* – infanto-juvenil (2009); *O João à Procura da Palavra Poesia* – misto: prosa e poesia – infanto-juvenil (2009).

Da prosa: *Xicandarinha na Lenha do Mundo*, contos (1987); *Nyembête ou as Cores da Lágrima*, romance (2004); *O Tamanho da Girafa*, fábula, infanto-juvenil (2012); *Olhar Moçambique* (texto de apresentação de uma ilustração de Moçambique em fotografias, em três volumes, trabalho de co-autoria com o Centro de Formação Fotográfica).

Obras didácticas: *O Estiloso Craveirinha: as escolhas lexicais bantus, os neologismos luso-rongas e a sua função estilística e estético-nacionalista nas obras Xigubo e Karingana wa Karingana* (2002) – obra de investigação Linguístico-literária; *Tão bem Palavra: estudos de linguística sobre o português em Moçambique com ênfase na interferência das línguas bantu no português e do português no bantu* (2003) – obra de investigação linguística e *Kulimando Saberes: viagens discursivas pela Pedagogia, Didática, Comunicação, Antropologia Cultural, Filosofia, Espiritualidade, Língua e Literatura* (2013) – resultante da actuação do escritor em diferentes contextos, bem como *Antropologia espiritual – Há mais vida para além desta vida* (2015).

Nyembête ou as cores da lágrima como romance de formação

A história

É triste e nebulosa. A condição humana e a sua dialécticas são postas à prova, em diferentes momentos. E isso é compreensível, a partir do primeiro contacto com a obra, de onde, há uma epígrafe que diz: “Na aldeia Nêmbè-Nêmbè, os jovens não se casam por escolha do coração. Eu fi-lo. Mas a paixão da minha carne não floriu. Nesta terra, homens e mulheres não fazem amor com amor. Apenas copulam, procriam, multiplicam-se. Reproduzem sobrevivências”

(Corpo Esperança). Para além do contexto todo dessa epígrafe, a expressão “reproduzir sobrevivências”, já nos prepara para a penumbra de que se reveste a história e nos faz pensar tratar-se de um romance de tese.

O título da obra leva o nome de uma mulher, Nyembête, que tal como se pode ler na página 13 do romance, significa lágrima. Segundo informação na obra é um nome que se dá a quem nasça em época de praga de gafanhotos. Além disso, a sua mãe, Sigahul, teve um parto sofrido e morreu em sua decorrência. Nyembête é uma mulher-espírito. Ela nasce em tempo de frio, no hemisfério Sul, no mês de Junho.

Tem um nome que sugere dor, lágrima, mas nasce sob o signo de esperança, tal como ela própria o afirma à nascença. Mais tarde, na história, é baptizada numa igreja católica e recebe o nome de Esperança, renunciando ao destino que lhe tinha sido traçado, a partir do nome que recebeu à nascença. Elegeu o seu destino, o do perdão, perante o árduo percurso que teve durante a infância e a sua juventude. À nascença teve o tratamento que todas as crianças rongas têm, o ritual de baptismo ronga, o *Quenguelequezê*, entretanto, a sua juventude ficou marcada pela infertilidade⁵ e pelo desafio que teve que

5 Recordo que em Altuna (2006, p. 50-91), vem referido que a fertilidade e a procriação são das características preponderantes dos povos bantu.

travar com Missava – também designada por malandra e rebelde, sua antiga colega de turma e de camarata, que passou a ser a outra mulher do seu marido, Mpfùmù. Mas, no fim da história, ela decide-se por perdoar a todos pelo mal que sofreu. Reencarna como neta do casal, filha do primogénito de Missava e de Mpfùmù. Há, em tudo isto a explicação do carma.

A história é narrada, em diferentes espaços, que são a representação de Maputo, nomeadamente: Zitundo, Salamanga, Bela Vista, Montes Libombos, Chamanculo, entre outros, incluindo Nêmbè-Nêmbè, lugar ficcional. A síntese que fiz da história é o que se pode ler através do livro. Mas ela é uma criação, por cima de uma outra história, que pode ser a de Moçambique. Não é à toa que o autor coloca alguns símbolos ligados ao país, nomeadamente os lugares já mencionados, os meses de Junho e Setembro, sobretudo o nome Mfùmù, que é o de um antigo chefe local de Ka Mfùmù, actual Maputo; Eduardo Mondlane; os nomes de Samora Machel e de Marcelino dos Santos, bem como determinados acontecimentos, a saber a luta pela conquista da cidadania moçambicana, dez anos de Luta Armada, o ano da independência de Moçambique, as acções revolucionárias da frente de libertação como, por exemplo, a negação do

lobolo e a emancipação da mulher, para além da luta pela libertação do jugo colonial e a atribuição do nome Maputo à antiga cidade de Lourenço Marques (na era colonial), terra originalmente designada Ka Mfùmù.

Não encontrei uma recensão crítica à obra *Nyembête ou as cores da lágrima*, o que me estimulou a entrevistar, em Setembro de 2021, Celso Muianga, editor literário da Fundação Fernando Leite Couto – FFLC, que organizou uma Oficina Literária sobre o processo de criação dessa obra, no espaço da FFLC. O evento foi dirigido por Calane da Silva, em 2016 e foi designado “Dicas e Métodos da escrita de *Nyembête ou as cores da lágrima*”.

O novo-romantismo nas narrativas africanas: a morte e as possibilidades de retorno

Inicialmente, ao ler o romance *Nyembête ou as cores da lágrima*, o leitor fica com impressão de estar diante de um romance de tese, romance no qual as personagens vivem condicionadas ao espaço criado, sujeitas ao seu destino e ao que a sociedade impõe. Veja-se, por exemplo a epígrafe acima citada, sobre Nêmbè-Nêmbè. Esta característica é apenas aparente, porque o desenrolar da escrita começa a apontar outras sinuosidades, tal como o constatado no prefácio da obra, assinado por Ana Mafalda Leite, que faz

referência ao facto de se tratar de um romance de formação, posição que aceito.

Romance de formação é aquilo a que em teoria literária, segundo Puga (2016, p. 10), autor que utiliza a designação *bildungsroman*, para caracterizar esse género é:

uma narrativa ficcional que representa o percurso de formação de uma criança ou adolescente/jovem até à fase adulta da sua vida, bem como todos os obstáculos e provas que ultrapassa, sendo o processo formativo predominantemente informal, por relativa oposição à educação formal ou escolar.

É segundo o autor, um género surgido no século XVIII, cujas obras e percursos são *Die Geschichte des Agathon* (1766-1767), de Christopher Wieland, e *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (1795-1796), de Goethe. Puga apresenta ainda, como exemplos de obras do XX-XXI, escritas a partir dessa perspectiva, embora não as considere romance tradicionalmente de formação, os seguintes romances que convém referir: *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), de José Saramago; *Arma, Ombro!* (1978/1986), de José Manuel Mendes; *Os Cus de Judas* (1979), de António Lobo Antunes, e *Pode um Desejo Imenso* (2002-2006), de Frederico Lourenço.

Esse teorizador afirma ainda que, tal como o género romance, os seus subgéneros ainda se encontram em

debate. Para uma melhor compreensão sobre este subgênero literário, deixarei anotado um resumo que mostra diferentes características levantadas por Puga (2016, p. 10-20), em função de diferentes autores que leu. Para ele, o romance de formação revela o processo de formação pessoal do personagem ao longo do tempo; o demorado processo cumulativo da sua formação; o percurso e o estatuto social do protagonista; mundo social e circundante no qual os protagonistas aprendem lições sobre esse ambiente para iniciar a sua vida adulta; acumulação de aprendizagens de personagens, para experiências futuras.

Puga refere ainda que há autores que definem o *bildungsroman* como indissociável da vida do seu autor, tal como Wilhelm Dilthey (1913, p. 394 apud SWALES, 1978, p. 3) que dão a ideia de que o romance de formação descreve determinados estágios da vida de um personagem, desde a infância, até a sua idade adulta, altura na qual atinge maturidade. Acolho essa perspectiva e defendo que *Nyembête ou as cores da lágrima* é indissociável da vida do seu autor, Calane da Silva, e de Nyembête, personagem principal, tal como o demonstrarei mais adiante.

Começo por Nyembête. A obra literária em análise inicia com um nascimento, ou seja, nasce um romance ao

mesmo tempo que um bebé-personagem, a mulher-espírito Nyembête e termina com a sua reencarnação. Diria, até, por extensão, que há o nascimento de um país que pode ser Moçambique. E há inovações aplicadas por Calane da Silva, na escrita deste romance, que se situam naquilo a que o próprio designou de romance neo-romântico:

[...] chamo-lhe Neo-romantismo⁶ holístico. E porquê? Porque no romantismo pugnavam os valores culturais profundos e pela história do passado. Eu digo sim senhor, isso só não basta, vamos pugnar agora para que esses valores sejam transcendentais que nos levem a caminhos muito mais longe dentro de nós.

O Romantismo fala muito dos mortos, dos cemitérios, folhas caídas, da tuberculose e das doenças incuráveis que havia. No Neo-romantismo holístico temos que saber que o cemitério não é o fim, é uma passagem, mas que a morte não é o fim... continuamos vivos para além da morte, quer dizer, há sempre um contraponto, aliás nos vários karinganas que aparecem nos vários capítulos da história, há sempre um velho e que é quem põe um contraponto daquilo que é o karingana dito tradicional [...]. (SILVA, 2004-2005)

Há um narrador holístico na obra. Na verdade, à semelhança das narrativas africanas, são múltiplos os

6 Na página 257 da obra NCL, o autor afirma a necessidade de se acender uma luz à morte, à possibilidade de reencarnação. Daí a ideia de neo-romantismo. Além disso, propõe a necessidade de se fazer a arte, na perspectiva de um neo-romantismo holístico. Para mim, isto se liga, também, à Cultura e Religião bantus, na qual se defende a morte com possibilidade de retorno.

narradores. Cada ser, nesta história, fala por si. Na página 57, por exemplo, uma estátua de santo António, colocada na parede da sala de uma igreja, apresenta-se dizendo: [...] “Sou o António. Esculpiram-me assim e tratam-me como santo. Podes aproximar-te sem receio” [...]. Um outro exemplo:

Por isso, de agora em diante nesta estória que estou a contar pela pena do escritor e por orientação de Nyembête-espírito, os nomes vão ser utilizados conforme os contextos, seja na missão, nas aulas ou na intimidade das conversas, seja na aldeia ou fora dela [...]. (SILVA, p. 2006, p. 115-116).

Um outro exemplo: [...] mataram-me! Soluça uma árvore ceifada por um raio mesmo ao lado de Nyembête (2004, p. 197). Além disso, existem pouquíssimos marcadores de diálogo com hífen em NCL. Há, até um descritor que psicografou a história, confirmam-se as páginas 31, 228 e 250, para ter alguma ideia do que me refiro.

Estas mudanças devem corresponder àquilo a que Calane da Silva, no posfácio à obra, refere como sendo a nova polissemia para o 3º milénio, por abrirem-se aos escritores possibilidades imensas para a multiplicação de géneros literários. Leia-se ainda a página 253 da obra em análise, onde o autor deixa expresso esse apelo. Aliás, essa forma de narrar foi referida por Calane da Silva, como tendo partido da sua cultura:

Ouvia a minha avó contando histórias onde tudo narrava, ela era narradora, mas punha o coelho a falar, o leão a falar; então comecei a perceber que tenho essa raiz dum narrador múltiplo. Perguntei-me porquê eu não levaria isso até as últimas consequências? Sendo assim, comecei a pôr tudo a falar, a palavra fala, cada segmento fala, o rio fala, o chão fala, os olhos falam, as próprias células do corpo falam com o resto do corpo, nossa mente dialoga. Portanto, foi uma maneira interessante, a que se pode chamar de narrador holístico... são *múltiplos narradores, no fim a gente não sabe quem está a narrar, mais tarde percebe-se que é o espírito da Nyembête* que está a narrar a sua história através de um elemento que seria o escritor como se fosse psicografando a história. (SILVA, 2004-2005, grifos meus)

Passo para o autor da obra. Para além de colocar a obra *Nyembête ou as cores da lágrima* na categoria de romance de formação, afirmo, sem reservas, que o romance é autoficcional, e constitui uma “ficcionalização de si”. Há, nos romances autobiográficos e nos romances autofictionais um pacto com a ambiguidade. Já as autobiografias são caracterizadas pelo princípio da veracidade.

Faedrich (2015, p. 47-48) afirma que o termo autoficção foi proposto por Doubrovsky, em 1997, pretendendo, com o mesmo distinguir romance autobiográfico do romance

de autoficção⁷. Para esse autor citado por Faedrich as autobiografias são feitas por celebridades, enquanto que o romance autobiográfico, mesmo não falando concretamente sobre o autor, permite detectar elementos da sua vida, através de elementos extra-textuais. Este tipo de obra é caracterizado pelo fantasmático. Já no romance autoficcional, o autor chama atenção para determinado aspecto da sua vida, num texto em que a realidade e a ficção partilham espaço. Nesse tipo de obras, a biografia é camuflada, é simulada⁸.

A minha hipótese de NCL se tratar de um romance autoficcional não só assenta na citação acabada de fazer por Calane da Silva, como também, vai buscar referências ao que o escritor afirmou em vida, e que é consubstanciado pelo depoimento de Celso Muianga, que a propósito da Oficina Literária sobre o romance NCL, realizada na FFLC, refere que Calane da Silva afirmou que os escritores deverão fazer a escrita literária inserida nos seus contextos culturais, à semelhança, do que o entrevistado disse ao referir a célebre frase de Tolstoi: “para ser universal, um escritor deve primeiro pintar a sua aldeia”.

7 Segundo Faedrich, há autores que não fazem essa distinção.

8 FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários*, Araraquara. Universidade Federal Fluminense – Brasil, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2001.

O meu interlocutor afirmou ainda que Calane da Silva terá partilhado, nessa oficina, motivos que o levaram a aderir à *doutrina espírita ou kardecismo*. Essa adesão terá surgido após Calane da Silva ter sido acometido por uma doença⁹ e de se encontrar à beira da morte; após a experiência vivida, recebeu uma missão divina de que deveria ajudar a curar a dor das pessoas. Terá sido nessa senda, que o escritor passou a visitar doentes na Oncologia do Hospital Central de Maputo e de se ter integrado ao grupo de fundadores do Centro Espírita de Moçambique.

Recorro a esse dado biográfico (sobre o espiritismo) de Calane da Silva, já antes mencionado, pelo próprio, no programa “Letra Viva”, para fundamentar a ideia de que NCL narra parte da biografia do seu autor. Em minha óptica, há algumas semelhanças entre o espírito encarnado por Nyembête com o percurso de espiritualidade vivido por Calane da Silva, tal como veremos mais adiante.

Neo-romantismo holístico e propostas culturais na escrita literária

Para além de ser um romance de formação, *Nyembête ou as cores da lágrima* é uma obra sugestiva de diferentes culturas tradicionais moçambicanas, sobretudo da cultura

9 Sobre a possessão de espíritos, resultante de doenças, leia-se Honwana, Alcinda (2002). *Espíritos Vivos, Tradições Modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no Sul de Moçambique*. Promédia. Maputo.

ronga¹⁰. É, por isso importante destacar essas marcas culturais que constam na obra, a partir de costumes, de rituais e da língua (empréstimos e neologismos).

Uma marca cultural (reveladora de um costume) e que gostava de destacar, a partir da obra em análise é a utilização de epítetos, por exemplo: “Macassana, filho de Jonasse? Ouve-me, neto de Munganwezil”, (p. 17) ou “eu bem te avisei, filho de Jonasse!” (p. 26). “Nyembête! Filha de Sigahul e Macassana” (p. 93). Explicando esse modo de abordar a pessoa, nas culturas africanas, Calane da Silva afirmou que:

[normalmente a referência às pessoas] começa assim: ‘Esse Calane, quem é?’ Hi ntukulo wa Massulo, (É o neto de Massulo). Ele não é o próprio, é sempre mais qualquer coisa, porque tem a ver com todo passado, portanto, é a nossa maneira *clânica* de estar e de ser, por isso, nós sabemos quem são os nossos antepassados. Eu tenho 2 nomes, tenho um nome que é do meu bisavô que era Munganwezil¹¹, a minha avó deu-mo. Era o nome do pai dela. Quase todos nós temos e sabemos disso¹². Foi por isso que aproveitei

10 Aqui, neste ponto, reitero. Aideia de Mendonça (2018), a da tendência que o romance africano tem de integrar elementos da cultura destes povos.

11 É também uma das personagens da história, (p. 17).

12 Nas diferentes culturas moçambicanas, as pessoas têm um nome próprio, que é *clânico* e, por vezes, dependendo do estudo das famílias dessa pessoa, ela ainda recebe um cognome. A esses dois nomes de família, ainda se acrescenta o nome oficial, o de registo ou o de baptismo religioso. Recordo que, aos moçambicanos, não foi permitido o registo com recurso a nomes locais. Muitos deles foram rebatizados com nomes da cultura portuguesa. Sobre esta questão, recordo os baptismos de Mfùmù e de Nyembête, narrados entre as páginas 91 e 98 de NCL. Pode-se ainda ler o texto, da minha autoria, intitulado “Rainhas anónimas, princesas reconhecidas: nomes com história e ainda o texto “Poderá a lusofonia constituir um espaço de compreensão

essa realidade, porque vivi a cultura ronga e aproveitei para colocar neste romance. De certa maneira, é também o meu contributo do ponto de vista da Antropologia Cultural. Nós os que temos essa experiência, porque não colocá-la no nosso romance?

Fazemos essa viagem através da memória das coisas, para senti-las. E tenho a certeza que mesmo os jovens que já estão um pouco afastados dessa realidade cultural mais antiga possam aprender e ver como é que era e como é que as coisas se realizavam. (SILVA, 2004-2005)

Pode-se encontrar uma explicação sobre a imposição de nomes cristãos em pessoas que já tenham um nome clânico anterior. Por exemplo, Nyembête foi baptizada com o nome de Esperança, Mfùmù, com o nome de Adão e Missava, com o de das Dores. Veja-se ainda o excerto que segue:

[...] Novos nomes? A surpresa, repentina como ela só, pairou densa e persistente entre presentes. [...] Ter novos nomes é incómodo, mas não é uma fatalidade! Vejam isso como uma riqueza. Reparem que podem passar a usar um desses nomes antigos, recentes conforme o lugar em que estejam ou com quem estejam, seja na aldeia ou em família, na missão ou entre os vossos amigos.

[...] Mas afinal na aldeia também não vos dão outros nomes? Para além do nome próprio dado pelos pais, não recebem, normalmente, o xibongo, o nome do clã ou outro nome

entre povos? *Kutxula vitu, kutsivela, kuyandla, kubvieketa* e baptismo católico como rituais para diálogo". In: Bastos, N. B. (Org.) *Língua Portuguesa: lusofonia (s), língua(s) e culturas*. 1.ed. São Paulo: Educ: IP-PUC-SP, p. 198-208, 2020.

por parte dos vossos avós e que são uma evocação de um antepassado cuja graça, parecença ou atitude perante a vida querem ver continuada, reencarnada nos filhos ou netos? [...]. (SILVA, 2004, p. 92-95).

Uma outra marca cultural, para além dos epítetos da cultura ronga é a utilização de lexemas da língua ronga. Em Silva (2013), obra académica do escritor objecto de estudo do presente trabalho, o autor discute a pertinência do convívio entre as línguas moçambicanas e a língua portuguesa, na escrita de obras literárias moçambicanas. Na sua óptica:

[...] pode-se e deve-se escrever na língua que melhor se domine e não será por se escrever em Português que as línguas moçambicanas serão destruídas, muito embora se reconheça que a língua é um legado cultural importantíssimo e veicula uma certa visão do mundo [...]. (SILVA, 2013, p. 175)

O autor refere ainda que:

[...] No caso dos lexemas bantu na literatura moçambicana, e tendo em conta a semântica, mas também a polissemia dessas palavras, por exemplo, em poemas de Noémia de Sousa e José Craveirinha, poetas emblemáticos e certo modo também iniciais de uma literatura moçambicana de língua portuguesa, os lexemas, quer em língua portuguesa quer numa língua banto tanto permitem um significado objectivo directo,

como uma plurissignificação (ou seja, uma configuração semântica mais alargada, quer do ponto de vista antropológico-cultural, quer de cunho político-ideológico, o que nos possibilita também fazer a tal leitura metafórica da palavra ou expressão lexemática). (SILVA, 2013, p. 188).

NCL é constituída por inúmeros rodapés, que na minha óptica, podem ser lidos de duas maneiras. Um grupo de lexemas que, propositadamente, Calane da Silva colocou na língua ronga e outro grupo, composto pela existência de palavras que era importante manter em ronga.

Digo que o tenha feito do modo consciente, porque não se tratando de expressões idiomáticas, nem de signos sem referente equivalente na língua portuguesa, o autor decidiu escrevê-los da língua ronga. São os casos de *massinguita* (agoiro), *mwêti* (lua), *tissungucati* (parteira), *madaca* (lodo), *nyanga* (curandeiro), *kwanas* (pote), entre outras. Esta opção é explicada pelo que o autor refere na citação anterior, ao existirem palavras com um equivalente objectivo directo em português.

O segundo grupo de palavras corresponde àquelas que, dada a sua plurissignificação e contexto filosófico antropológico, não deveriam ser traduzidos, para que sejam compreendidas no contexto da sua própria cultura. São

os casos dos seguintes lexemas: *dlaya-nyoka* (significado literal) mata cobra, que é, segundo a tradução do autor, um medicamento para tratar problemas intestinais de bebés; *tcintchiva*, nome de um fruto; *uputsu*, bebida tradicional fermentada – tradução do autor; *ganzelo*, *árvore sagrada que serve de altar familiar* – tradução do autor.

Sendo uma explicação sobre a vontade com que Calane da Silva coloca narradores-personagens em contexto de pluralidade linguístico-cultural, leia-se, por exemplo:

[...] *não tenhas medo do convívio cultural dentro de ti Nyembête*. Dizia com mansuetude a cultura que ouvira atenta as interpelações e advertências das pessoas e objectos-vozes circundantes. Uma cultura é boa de se ter, mas possuir mais do que uma cultura é riqueza acrescentada que se pode usufruir desde que se seja sincero, autêntico e não a utilizemos para manipular uns e outros [...]. (SILVA, 2004, p. 99).

Podem ainda ser constatados, na obra, alguns neologismos, por exemplo, os das páginas 16 e 17, respectivamente *lobolar* e *djungulissar*. Tal como se pode constatar na obra, *Lobolar* é um neologismo a partir do verbo *ku lovola* ou *ku lobola* que significa pedir em casamento uma mulher mediante um dote, que pode ser em cabeças de gado bovino, roupas, jóias ou mesmo dinheiro. *Djungulissar*, neologismo cuja origem é “*Ku djungulissa*”. Significa cumprimentar.

Verbo que significa cumprimento tradicional ronga. É um cumprimento, normalmente prolongado. Cada uma das partes narra, respectivamente, os factos ocorridos durante todo esse período de ausência, enquanto a outra acompanha com monossílabos de assentimento até que chegue a sua vez. São autênticas narrativas orais e instrumento de comunicação entre pessoas; djungulissana: troca de cumprimentos; djungulissar: neologismo (aportuguesamento) feito a partir do verbo ku djungulissa. (SILVA, 2004, p. 17)

Sobre a utilização deste tipo de palavra, numa entrevista concedida da Chabal (1994, p. 227), Calane da Silva afirmou que, no seu tempo, eram utilizadas expressões do português moçambicanizado ou neologismos como arma contra o colono e que, nos dias que correm, a utilização da língua portuguesa marca a identidade dos moçambicanos, por ser uma forma a destacar a sua apropriação. Mas devo acrescentar que, no contexto de NCL os neologismos apresentados se situam na óptica da interculturalidade ou do convívio cultural defendido por Calane da Silva, enquanto escritor e linguista.

No âmbito da cultura ou do seu modo de fazer cultura, em NCL, é ainda importante realçar a referência a alguns rituais. Apenas dois, para o propósito deste texto. Não haveria espaço para mais.

Volto a utilizar o neologismo *Djungulissar*, que, para além da categoria explicada, a da sua característica de neologismo, integra um ritual tradicional ronga, que existe também em diferentes culturas moçambicanas.

Numa pesquisa aprendi¹³ que o ritual que é também designado por *ndzava*, este modo de fazer cultura e História:

[...] cruzava informações de um bairro para o outro num espaço de tempo muito curto, ao longo das jornadas para os mercados, nas igrejas, nos ajuntamentos em cerimónias como baptizados, casamentos, funerais, etc. (...) (diferentes grupos) grupos interagiam, estabeleciam elos culturais e representavam elos de comunicação comunitária. Sem o saberem, construíam o embrião de uma nação que se visualizava distante, mas sonhada [...].¹⁴

De fontes de uma outra pesquisa que realizei, juntamente com outros colegas¹⁵, em 2016, constou-me, através de quatro entrevistados, três mulheres e um homem, nascidos nos anos 1925, 1937, 1945 e 1949, das etnias ronga e changana que o *kudzunguliça ndzava* é um “ritual de cumprimentação” entre duas ou mais pessoas. É feito com

13 Retomo o meu texto publicado no jornal Sete Margens, intitulado “Kudzunguliça ndzava, um ritual Lourenço-marquino?”. Disponível em: <https://setemargens.com/kudzungulica-ndzava-um-ritual-lourenco-marquino/>.

14 Idem.

15 Docentes da Universidade Eduardo Mondlane, Gregório Firmino e Feliciano Chibutane, à convite do escritor Luís Bernardo Honwana.

recurso a uma performance na qual, enquanto uma das pessoas fala, a outra vai respondendo apenas que sim. Na verdade, vai consentindo e depois trocam-se os papéis. Caso haja mais gente, há um modo de as integrar na conversa, referindo: aí está o que se passa com as pessoas com as quais convivemos, ao que as outras pessoas consentem ou acrescentam alguma coisa, se for caso para tanto, uma vez que esse ritual, ainda que demorado, retrata partes da vida de diferentes famílias em diferentes comunidades, informando sobre nascimentos, falecimentos, contexto social, político e económico. São factos que fazem e marcam, em grande medida, a História de sua região ou país. Segundo os entrevistados, esse ritual também se socorre de expressões idiomáticas na sua realização.

Quanto ao seu modo de realizar, o ritual tem pequenas variações, dependendo do lugar no qual ocorram. Nuns é feito logo à chegada a uma casa (ou no encontro entre pessoas), noutra é feito depois de a pessoa ter sido recebida, ser alimentada ou até mesmo depois que durma e acorde, portanto, à posteriori.

A outra questão cultural digna de realce na obra é o facto de a lua ser um astro muito referido na obra. A razão da sua alusão é ligada aos hábitos e costumes e tem a ver com

o facto de que, nas comunidades bantu, a contagem do tempo é realizada com recurso à lua. Por exemplo: [...] “fui colhida pelas *tinsungucati* em meados da *sétima Lua* quando faltava esperança de comida na boca das crianças” (SILVA, 2004, p. 14) ou “[...] Há-de chegar a casa ainda na manhã deste andar. E, daqui a *duas luas*, estará atento ao primeiro vagido na velha palhota coberta de capim” (SILVA, 2004, p. 15). Devo referir que, para além da contagem do tempo, com recurso à lua, a vida tradicional em comunidades africanas é regida pela lua, em todas as suas fases: nascimento, colheita, sementeira, etc.

A obra se refere ainda ao ritual *Quenguêlêquezê*, apresentado, em nota de rodapé como: “saudação que se fazia nas aldeias aquando do aparecimento nos céus da Lua Nova. Aproveitava-se também essa ocasião para os pais apresentarem os recém-nascidos à lua” [...] (SILVA, 2004, p. 25).

Este ritual corresponde, na minha óptica, a uma das quatro partes (*Kutxula vitu*, *kutsivela*, *kuyandla*, *kubvieketa*) que caracterizam o baptismo de bebés ronga¹⁶. E, dessas partes, a narrada no livro corresponde ao *kuyandla*, na qual

16 Sobre este apontamento, convido à leitura do meu texto intitulado “Poderá a lusofonia constituir um espaço de compreensão entre povos? *Kutxula vitu*, *kutsivela*, *kuyandla*, *kubvieketa* e baptismo católico como rituais para diáogo”. In: Bastos, N. B. (Org.). *Língua Portuguesa: lusofonia(s), lígua(s) e culturas*. 1.ed. São paulo: Educ: IP-PUC-SP, p. 198-208, 2020.

são evocados os deuses da família, pedindo proteção aos antepassados – os deuses da criança e, de seguida, a mãe mostra ao bebé a sua lua. No caso do texto, tendo falecido a mãe do bebé, o papel foi desempenhado pela sua avó:

Os meus olhos acenderam-se, precisamente, quando a lua, nova e finíssima, aparecia por detrás da névoa da floresta, dos ventos salinos do Índico.

Mahazul, agora minha avó-madrinha [...] pegou-me ao colo e com a avó Mabica e meu pai Macassassana – acha de fogo na mão como bandeira de luz – ergueu-me bem alto nos seus braços e apresentou-me ao glorioso astro da noite: Nyembê! Esta é a tua Lua. Esta é a tua Lua, ouviste! Sim, eu ouvia muito bem e sentira esse baptismo de luz irradiando no meu corpo e na minha alma como uma bênção da natureza, enquanto as vozes em coro de Nêmbè-Nêmbè, como uma oração de graças, continuavam a anunciar: *Quenguêlêquezê!... Quenguêlêquezê!...* (SILVA, 2004, p. 25)

Repleta de eventos, de símbolos, de lexemas de origem banto, de neologismos, de diferentes rituais da cultura ronga, a obra NCL é, como foi possível demonstrar, quase um manual de interculturalidade, no qual as línguas ronga e português, bem como as culturas ronga e portuguesa convivem tão pacificamente quanto o que caracterizou a vida do escritor, um ser plurilinguístico, multicultural e mestiço.

Espiritualidade

É preciso lembrar, tal como o afirmei, no início deste trabalho, que é a partir da obra *Lírica do Imponderável e Outros Poemas do Ser e do Estar* (LIPSE) que se começa a notar representações culturais, que remetem o leitor para um campo diferente do que o autor, através de suas obras anteriores, tinha habituado o leitor a ver. Falo da espiritualidade do autor. Nessa obra, ele faz a exploração da energia das cores, que depois as retoma em NCL. Vejam-se os poemas da parte do caderno intitulado “Alma do imponderável na lírica das cores”, cito alguns desses poemas:

‘Cor do dia’: [...] Sorriso sorrindo todas as cores *primiciais*. Atordoados céu de vida brota da dor, carne aflorada de infinito Amor. Cor do futuro renascida. Alma imponderável. (SILVA, 2004, p. 150)

‘Verde’: [...] Sou nyanga na cor que cura. O universo inteiro dardeja minha cor curadora [...] . Sou uma una com a cor do Amor. (SILVA, 2004, p. 153)

‘Variações sobre o Azul’: Deixo-te estas variações sobre o azul: terno, azul triste, azul fundo, azul alma./ Galopo no azul-ondas, às vezes olhos, às vezes ânimo, sempre tu. [...]. Azul feliz inteligente./ [...] Azul-tu, anilado meu coração, mudando a cor da Esperança para azul. (SILVA, 2004, p. 156)

Podem-se ainda encontrar marcas da crença na reencarnação, depois retomada em NCL, no poema

intitulado “Lírica do imponderável ou poema do Ser quando partir”:

Deixo o meu corpo/ e parto./ Vozes
luminosas/ vêm ao meu encontro./ Deixo-
vos/ com os meus tecidos/ e células/ apenas
úteis/ à dissecação/ e ao adubo da terra./
Viajo sem saudades/ de mim/ rumo à casa
de onde parti./ Sou semente/ fluídica do
Universo inteiro/ apta a *germinar/ noutros
corpos/ Sedentos de Luz.* (SILVA, 2004, p. 167,
grifos meus)

Em NCL, há diferentes tonalidades de azul sobre as quais, o autor afirmou que:

[...] representam formas da energia, que
vão bulindo connosco. [...] coloquei-a
[Nyembête] a ser acompanhada pelas
cores do mundo, pelas cores da vida, cada
cor não só tem uma simbologia como, eu
nesse romance, falo delas também numa
perspectiva energética, ou seja, que ela
represente a energia dentro e fora de nós. É
uma opinião e há outras. Será que as cores
também nos podem ajudar a curar a alma
das nossas dores? Elas bem aproveitadas
não são também um incentivo para nós nos
motivarmos para uma vida melhor, mais
saudável, mais bonita, mais amorosa?

Tendo também umas experiências bonitas
nessas áreas eu quis também introduzir na
obra *Nyembête ou as Cores da Lágrima* essa
questão da lei espiritual ou seja, *fiz uma
viagem para além daquilo que é o conceito
normal da morte, eu pus a Nyembête a*

confrontar-se com uma energia pensante e viva, depois do falecimento do corpo, do outro lado da vida. (SILVA, 2004-2005, grifos meus)

Esta última característica, a da reencarnação, pode ser atestada pelo seu depoimento, quando questionado se acreditava nela, ao que respondeu:

O problema não é acreditar, o problema é que a ciência moderna hoje evoluiu muito. Acontece que essa ciência descobriu uma coisa maravilhosa. Através da hipnose regressiva mostra que nós já tínhamos estado em outros corpos anteriores, foram feitas descobertas. Hoje em dia, aquilo que a parapsicologia estuda, em grandes universidades, era proibido quando eu era estudante e hoje é obrigatório no ensino da psiquiatria. Hoje esses indivíduos denominados psiquiatras tentaram fazer a hipnose regressiva e descobriram esta belíssima coisa que os antigos já diziam: ‘Olha, nós, ao que parece, reencarnamos em corpos diferentes para *nos aprimorarmos*’.

Porque o nosso mundo é o da expiação, é o mundo de aprendizagem, eu venho crescendo, venho reaprendendo o ódio, o amor, a dor, isto e aquilo. A pessoa que vem aí arrastando-se completamente traumatizada eu já não tenho tanta pena, tenho é compaixão, eu devo auxiliar esse meu irmão a suportar aquela seu karma, porque ele escolheu vir assim, para certamente expiar uma maldade que fez provavelmente numa vida anterior, certamente que torturou alguém, matou alguém, seja o que for ele preferiu e escolheu

vir aqui para fazer o crescimento. Portanto, ele não pode virar para o braço direito, mas *eu posso suavizar com a minha solidariedade e ele próprio também não está isento das suas faculdades mentais para fazer brilhar ainda mais a sua vida física e a sua espiritual apesar de ele próprio ter escolhido estar assim*. Mas, isso tem a ver com uma auto-descoberta, eu não cheguei a este ponto porque li três livros, não, foram quase quatro anos. (SILVA, 2004-2005, grifos meus)

Os itálicos reforçam a minha tese de que NCL é um romance de autoficção. Comparando as afirmações acima, com o que se pode ler em NCL, embora se trate de uma mulher, há semelhanças entre a descrição que o autor Calane da Silva faz da personagem-espírito Nyembête e o que o autor, enquanto pessoa viveu, no âmbito do kardecismo. A ideia de Nyembête ter escolhido fazer valer o seu nome Esperança e perdoar Misava e Mfùmù, além de ter reencarnado como sua neta, mostra algumas destas características típicas do cidadão Calane da Silva e confirmadas em entrevista por Celso Muianga. Este último afirmou que Calane da Silva, após adoecer e começar a praticar o espiritismo, passou a tomar as dores dos outros, visitando doentes de oncologia, no Hospital central de Maputo.

E, segundo o que se pôde constatar do que Calane da Silva afirmou, no “Letra Viva”, a ideia de espiritualidade não

surgiu espontaneamente. Já vinha da sua infância, pois como afirmou, recebeu do seu pai, informação sobre a existência de outros mundos habitados e que já se vivem a 4ª e a 5ª dimensões, antes abordadas como espiritualidade, mas hoje (na data da entrevista ao “Letra Viva”), recuperadas como fazendo parte da ciência. Para ele, o cérebro humano ainda tem muito o que aprender e fazer. O Homem ainda está em evolução, na sua óptica.

É no quadro destas explicações que se pode integrar *Nyembête ou as cores da lágrima* na categoria de romance autoficcional.

Considerações finais

A escolha de abordar a obra NCL adveio da raridade de estudos sobre a mesma. É uma obra que carece de discussão, por ter sido apresentada pelo seu autor, enquanto estudioso de literaturas como uma proposta para o romance africano do século XXI, facto que aceito, considerando o modelo da sua criação. Esse modelo integra não só a ideia de neo-romantismo, mas tematicamente da morte com possibilidade de retorno, que vem da tradição africana e não só, também referida pela tradição Católica Apostólica, ligada à Ressurreição de Jesus Cristo. Ainda ligada a essas tradições, Calane da Silva, integra o

kardecismo, que como pessoa abraçou em vida e que, como autor de NCL, afirma nas características da protagonista da história Nyembête, mulher-espírito.

Esse neo-romantismo sugerido por Calane da Silva e observável em NCL é apresentado, também, a partir de uma perspectiva da maneira do contar histórias nas tradições africanas, nas quais aparecem narradores holísticos, fala de personagens, tanto como seres animados, quanto como seres inanimados e fala entre uns e outros. São designados narradores holísticos, que recordam outra ideia de narrador criado por Suleiman Cassamo, na sua obra *Palestra Para um Morto*. Nessa obra, Cassamo não criou um narrador holístico, mas apresenta um narrador que faz as narrações em nome de todas as outras personagens na história. São ambos narradores típicos de histórias tradicionais africanas, que vale a pena continuar a estudar.

Apresentei o romance em estudo, também como romance de formação e como romance de autoficção, porque, por um lado, revela os diferentes estágios de crescimento, até a maturação, por parte da sua protagonista e por outro, revela a similitude de algumas das características dessa personagem com as características biográficas do autor Calane da Silva, confirmadas por mim, enquanto estudiosa

de literaturas que entrevistou Calane da Silva em vida e por Celso Muianga, editor que entrevistei a propósito de uma Oficina literária realizada, para que Calane da Silva falasse do processo de escrita da obra NCL.

Terminar estas considerações finais, sem aludir este romance como quase um manual de cultura, dada a integração de lexemas de origem banto e de neologismos luso-banto, seria uma grande omissão. Seria também uma grande omissão não fazer referência à importância que Calane da Silva deixa na sua obra NCL com a menção a rituais preponderantes da cultura ronga, nomeadamente *Ku dzungulissa* e *Quenguelequezê*, bem como a intervenção da lua em todas as fases da vida e a forma de nomear pessoas, aspectos primordiais na cultura ronga. Ao fazê-lo, não só demonstra o que sempre apregoou e até coloca nas palavras de seus personagens, ou seja, a importância da autenticidade da pessoa, a necessidade de ela se expressar nas línguas e nas culturas que conhece, como, também demonstra a premência que dá à interculturalidade. Essas são marcas que deixou tanto nas suas obras literárias, quanto nas suas obras académicas, e no que pôde demonstrar em vida e tivemos oportunidade de testemunhar. Ademais, elas ajudam a responder à questão ligada às tendências do romance africano.

Referências

- ALTUNA, Pe. Raul Ruiz de Asúa (2006). *Cultura Tradicional Bantu*. Luanda: Paulinas, 2006.
- CHABAL, Patrick. *Vozes Moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Veja, 1994.
- FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários, Araraquara*. Universidade Federal Fluminense – Brasil, n. 40, jan./jun., p.45-60, 2015.
- JONA, Sara. Programa Televisivo Letra Viva: Entrevistas com escritores moçambicanos – entrevista à Calane da Silva. Maputo: Televisão de Moçambique, 2004-2005.
- HONWANA, Alcinda. *Espíritos Vivos, Tradições Modernas: posseção de espíritos e reintegração social pós-guerra no Sul de Moçambique*. Maputo: Promédia, 2002.
- LAISSE, S. “Poderá a lusofonia constituir um espaço de compreensão entre povos? *Kutxula vitu, kutsivela, kuyandla, kubvieketa* e baptismo católico como rituais para diálogo”. In: Bastos, N. B. (Org.) *Língua Portuguesa: lusofonia(s), língua(s) e culturas*. 1.ed. São paulo: Educ: IP-PUC-SP, p. 198-208, 2020.
- LAISSE, S. “Kudzunguliça ndzava, um ritual Lourenço-marquino?”. 2021. Disponível em: <https://setemargens.com/kudzungulica-ndzava-um-ritual-lourenco-marquino/>. Acesso em: 25 jan. 2022
- MENDONÇA, Fátima. Espaços de violência na narrativa moçambicana contemporânea. UFRJ: *Mulemba*, v. 10, n. 18, 2018.
- MUIANGA, Celso. “Entrevista concedida a Sara Laisse, sobre a Oficina Literária Dicas e Métodos da escrita de *Nyembête ou as cores da lágrima*”, 2020.
- PUGA, Rogério. *O bildungsroman (romance de formação) perspectivas*. 1.ed. Lisboa: Institute of Modern Languages Research (IMLR)/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS), 2016.
- SILVA, Calane. *Lírica do imponderável e outros poemas do Ser e do Estar*. Maputo: Imprensa Universitária, p. 126, 2004.

SILVA, Calane. *Kulimando Saberes: viagens discursivas pela pedagogia, Comunicação, Antropologia Cultural, Filosofia, Espiritualidade, Língua e Literatura*. Maputo: Alcance, 2013.

SILVA, Calane. *Nyembête ou as cores da lágrima*. Maputo: Alcance, 2004.

SILVA, Calane. Entrevista concedida à Sara Jona, no programa Televisivo “Letra Viva”. Maputo: Televisão de Moçambique, 2004-2005.

Sara Jona Laisse

Doutora em Letras: Literaturas e Culturas em Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), 2015.

Docente efectiva da Universidade Católica de Moçambique.

Docente em Tempo parcial na Universidade Pedagógica de Maputo.

Docente em Tempo parcial na Universidade Politécnica [de Moçambique].

Investigadora associada ao CHAM – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa.

Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão. (CEsA/CS-G/ISEG-ULisboa – Universidade de Lisboa).

Grupo de Pesquisa Moza (Moçambique e Africanidades)/Universidade Federal da Paraíba.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9916342075715287>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8877-8340>.

E-mail: saralaisse@yahoo.com.br.